

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA

TUTTO FELLINI!

A Cinemateca com a 13ª Festa do Cinema Italiano

12 e 23 de novembro de 2020

# I CLOWNS / 1970

*(Os Clowns)*

Um filme de **Federico Fellini**

**Realização:** Federico Fellini / **Argumento:** Federico Fellini, Bernardino Zapponi / **Fotografia:** Dario Di Palma / **Figurinos:** Danilo Donati / **Música:** Nino Rota, dirigida por Carlo Savina / **Montagem:** Ruggero Mastroianni, Adriana Olasio / **Intérpretes:** Os clowns italianos: Billi, Scotti, Fanfulla, Rizzo, Furia. Reder, Valentini, Merli, I 4 Colombaichi, I Martana, Maggio, Sbarra, Carini, Terzo, Vingelli, Fumagalli, Zerbinati, Janigro, Maunsell, Feverello, Sorrentino, Valdemaro, Bevilacqua; a "troupe": Maya Morin, Lina Alberti, Alvaro Vitali, Gasparino; os clowns franceses: Alex, Bario, Père Lorient, Ludo, Mais, Nino; Franco Migliorni (o domador); com a participação de Pierre Étaix, Gustave Fratellini, Annie Fratellini, Baptiste, Tristan Remy, Liana, Rinaldo, Nando Orfei, Anita Ekberg, Federico Fellini.

**Produção:** Elio Scardamaglia e Ugo Guerra, para a RAI (Roma), ORTF (Paris), Bavaria Films (Munique) e Compagnia Leone Cinematografica (Roma) / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, 35mm, colorida, versão original legendada em português, 90 minutos / **Estreia em Portugal:** Castil, em 25 de Abril de 1973.

---

Alguma vez foi Fellini um cineasta "realista"? Ou, pelo contrário, alguma deixou de o ser? No primeiro caso será correcto apontarmos a sua primeira fase, a que vai de **Luci Del Varietà** a **Le Notti di Cabiria**, como o período "realista" por oposição à fase seguinte, marcada por uma visão excessiva, distorcida (?), grotesca, ou poética e onírica? Ou será que, no fim de contas, é esta a que melhor mereceria o epíteto de "realista", comparada com uma primeira fase mais mística e ideal (Moraldo dos **Vitelloni**, **Il Matto de La Strada**, Augusto de **Il Bidone**, Gelsomina e **Cabiria**) do que espelho da realidade? Sem intuitos polémicos parece-me que esta última fase, a da autobiografia onírica de Fellini está bem mais perto da realidade do que os filmes que, aparentemente, a têm como "objecto", mesmo quando se trate de incursões "fabulosas" (no sentido de fábula) como são as de **Satyricon** e **Casanova**. Quatro filmes poderiam justificar esta opinião: **Block Notes di un Regista**, **Roma**, **I Clowns** e **Intervista**. Em todos eles Fellini cria um mundo ideal, nascido das suas recordações, ou transfigurado por um olhar que descobre o insólito e a poesia, onde os outros só vêem a rotina e o banal, essa aparência que tomam por realidade. E abrindo os olhos para o mundo que nos rodeia verifica-se que ele é mais povoado por aqueles estranhos, andróginos e grotescos seres que Fellini se compraz em acumular no palco da vida. O mundo não é para Fellini senão um gigantesco palco. Ou melhor, uma pista de circo, esse espectáculo que percorre toda a sua obra, e se expõe na sua forma mais pura em **I Clowns**.

Ao contrário do resto da sua obra **I Clowns** é um filme de compromisso. Não foi um daqueles projectos longamente amadurecidos e acarinhados pelo autor. No fim de contas

talvez nem tal se justificasse pois, como já dissemos, o circo está presente em todo o seu cinema, que se assume a si próprio também como um circo. A proposta mesmo vinda de improviso (diz-se que Fellini teria recebido o equivalente a um milhão de dólares pelo seu trabalho) veio ao encontro de uma visão já perfeitamente organizada, que tem, mais uma vez, a infância de Fellini como referência imediata. Como é sabido, ainda em criança Fellini abandonou a casa paterna para acompanhar um circo em digressão. Mesmo que não tenha correspondido ao que esperava, não deixou por isso de o marcar profundamente em toda a sua vida. **I Clowns** (a segunda experiência televisiva de Fellini depois de **Block Notes di Un Regista**) começa por isso com uma evocação do passado, com a mistura de medo e fascínio que o circo provoca: o fascínio da cúpula erguendo-se nas sombras da noite no largo da praça, e o medo que lhe incute a mãe ("Se não te portas bem digo aos homens do circo para te levarem"). A mesma ambivalência durante o espectáculo, com as caras enfarinhadas dos palhaços e o pavor no desfile dos "freaks", em particular com a exposição do feto dos siameses. A criança chora e quer fugir. Em off Fellini conta: "Essa noite acabou mal. A gente do circo aterrorizou-me e lembrei-me de outros palhaços". A voz encadeia-se com outras imagens dessa infância que a memória transformou, e que são o prólogo das que três anos depois irá (re)construir para **Amarcord**: o velho lunático que brinca às guerras na rua, como os ataques de loucura do seu tio (Ciccio Ingrassia) no outro filme, a freira anã, o fascista recitando os discursos de Mussolini. Onde está a realidade, onde a fantasia? Qual é o circo e qual o mundo real? Nesta propositada confluência e confusão de sentidos encontra-se toda a obra de Fellini. A partir daqui torna-se inevitável uma reflexão sobre o presente, como em **Block Notes...** a frustrante viagem pelo mundo de Mastorna encadeia com o processo de investigação que levará Fellini ao **Satyricon**. A que Fellini vai fazer pela Europa, como um arqueólogo pesquisando velhas ruínas, leva-o aos restos de um "mundo perdido", o das velhas glórias do circo que vivem retiradas. Função arqueológica que tem o seu momento mais significativo pelos corredores da ORTF, semelhantes a labirintos como pelos que, logo a seguir, Fellini nos conduzirá pela Roma subterrânea, para procurar documentos de um dos mais famosos *clowns*, Rhum. O fascínio do circo morreu? Aparentemente tudo parece indicar que sim. Para o motorista que Fellini interroga isso é indiferente. Para a matrona que guarda os documentos da ORTF, é apenas material que guarda e manipula. Mesmo o historiador Tristan Remy já os vê como um fenómeno do passado, pretexto para evocações e reuniões de amigos e *clowns* que recordam os seus grandes momentos.

O circo morreu? Fellini vai dizer que não (ou pelo menos a sua essência) de forma magistral, encenando, ele próprio, o último acto circense: a morte do palhaço pobre. E o desfile soturno e grotesco que parece materializar todas as reacções negativas que até então percorrem o filme, transforma-se num espectáculo feérico recheado de *gags* e dos sonhos de Fellini, levado pelo puro prazer de filmar, sem outras intenções. Tudo fica claro no fabuloso momento em que um jornalista se acerca de Fellini e lhe pergunta que "mensagem" pretende transmitir com o seu filme. Nesse momento um balde voa pelos ares e cai sobre a cabeça do realizador impedindo a resposta. Outro vindo logo a seguir cobre a cabeça do jornalista.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico